
EDITORIAL

A TÚNICA RASGADA E A TÚNICA NOVA

Dois fatos eclesiais impõem-se-nos à meditação. O bispo francês Lefebvre consoma novo cisma com a ordenação episcopal de quatro de seus seguidores, à revelia de Roma, rasgando a túnica inconsútil da Igreja. A Igreja da América Latina se alegra com a celebração de dois símbolos importantes de sua vida: 20 anos da II Conferência Episcopal Latino-Americana (Medellín) e 60º aniversário do teólogo-símbolo da libertação, Gustavo Gutiérrez, tecelões da nova túnica que veste nossa Igreja.

A grande imprensa debruçou-se principalmente sobre o primeiro fato, silenciando o segundo. Nesse manuseio publicitário, os fatos se distorcem em detrimento da verdade e da objetividade. De um lado, apresenta-se, sobretudo em órgãos da imprensa européia a figura de Lefebvre como um mártir da consciência, que afronta na solidão de terrível decisão, o peso de defender uma ortodoxia ameaçada pela caminhada da Igreja do pós-Vaticano II. Velho, alquebrado pelos anos, no esplendor de suas vestes episcopais, seguindo com rigor as rubricas antigas do ritual latino, deixa a sua herança espiritual tornada carne e sangue em quatro jovens bispos.

Do outro lado do oceano, a Igreja da América Latina batalha também por conservar, com problemas e revezes, a herança, não de ritos e tradições esclerosadas, mas de uma das suas experiências mais ricas de "recepção", consenso e "aggiornamento" da Tradição eclesial retomada com vigor e vitalidade pelo Concílio Vaticano II: a Conferência Episcopal de Medellín (1968) e o esforço de reflexão de seus teólogos autóctones, como Gutiérrez. Mas tal recordação, fora de certos ambientes eclesiais, tem sido silenciada, pelo incômodo de sua significação.

Mesmo evitando qualquer leitura maniqueísta ou propositadamente antitética, salta aos olhos a diversidade de sentido e de forças profundas impulsionadoras desses dois fatos. Eles exprimem significados opostos em relação a um foco único e central: a fidelidade à Tradição, simbolizada no momento histórico pelo Concílio Vaticano II. Os responsáveis por esta Revista, jesuítas, estamos bem conscientes da especial missão recebida para trabalharmos na linha da recepção do Concílio em toda a sua amplitude.

Por isso, parece-nos uma leitura superficial, quer do fenômeno Lefebvre, como da fermentação teológico-pastoral de nossa Igreja na linha da libertação, reduzi-los ao puro aspecto formal da obediência ou desobediência ao Romano Pontífice. Por importante que esta seja, os eventos inicialmente evocados lançam contudo suas raízes em questão teológica de maior profundidade.

Merece, porém, rápido aceno — antes que se aborde o momento conjuntural sob ótica mais ampla — um aspecto psicossocial de certa significação. De fato, nos anos que se seguiram ao Concílio Vaticano II, a Igreja católica foi sacudida por contínuas, rápidas e profundas transformações nos campos da liturgia, da catequese, do ecumenismo, da disciplina eclesiástica, etc. . . Tanto mais sentidas foram as mudanças, quanto mais elas se situavam num tempo eclesial até então marcado pelo imobilismo repetitivo e verticalmente orientado, pela redução drástica do horizonte humano do catolicismo, pelo estreitamento do espaço de qualquer novidade ou fermentação, levado a seu ponto final no pontificado de Pio XII.

Ora, esses abalos sísmicos provocaram medo, ansiedades, inquietações, inseguranças, não somente nos amplos círculos conservadores, acostumados que estavam ao cenário tranqüilo de uma Igreja imutável, mas também naqueles que se lançaram nos primeiros anos pós-conciliares com coragem e entusiasmo na correnteza caudalosa das inovações. Com o tempo, vieram a estes nadadores destemidos o cansaço, a decepção, o enjôo de marés tão violentas. E então começaram a associar-se aos setores mais conservadores, constituindo ameaça real para o futuro da recepção do Concílio, além de tornarem-se também sustentáculos de grupos política e socialmente conservadores.

A figura de Lefebvre significava para muitos deles aquele ponto claro de referência, com verdades bem definidas, com posições bem delimitadas, com atitudes sem evasivas. Daí sua força de atração. De fato, nas suas práticas e concepções pastorais, os setores afinados com o bispo francês penetravam muito mais longe que se imaginava, desde os dicastérios romanos, passando pelas conferências episcopais até os movimentos leigos. Os limites que os separavam não eram facilmente detectáveis no tocante à eclesiologia implícita ou mesmo explícita.

O passo trágico assumido por Lefebvre com as recentes ordenações episcopais vai afastar esses setores da sua pessoa, mas não significa de modo nenhum uma mudança em sua concepção pastoral eclesiológica, porque talvez nem se perceba que a gravidade da atitude do bispo integrista não se reduz unicamente à desobediência formal a um cânone da Igreja, mas vai muito mais além. Trata-se de um situar-se diante da Tradição viva da Igreja. Enquanto isso não se explicitar viveremos na

Igreja um duplo fenômeno de lefebvrismo: de um lado, o lefebvrismo explícito da ruptura e do cisma; do outro, o criptolefebvrismo no interior da Igreja. Este não é menos perigoso e danoso para a missão evangelizadora da Igreja do que aquele.

É nesse ponto que Medellín pode ajudar-nos na reflexão, porque lá se deu precisamente uma interpretação inteligente, pastoral da Tradição da Igreja, para um Continente em dado momento da história, no impulso renovador do Vaticano II.

A Tradição — tão claramente distinguida da fixação de tradições, na genial obra de Y. Congar — “é a presença dum princípio interno a toda ela, que é, por sua vez, a revelação e comunicação que Deus fez de si mesmo aos homens e ao mundo, pelos profetas, em Jesus Cristo, através dos apóstolos” (Y. Congar, La Tradition et la Vie de L'Eglise, Paris 1984, p.6) O mesmo autor a compara com um rio que brota de uma fonte e irriga numerosos países. Nada tão distante da Tradição, escreve Paulo VI a Lefebvre que o “simples apego a um passado desaparecido; ela é todo o contrário de uma reação que desconfia de todo progresso salutar”. Pois a “única maneira de dizer a mesma coisa num contexto que mudou é dizê-lo de modo diferente”, recorda Congar.

Acatar a Tradição é acolher a pessoa de Jesus vivo, sua caminhada, como a grande norma para a comunidade cristã. E tal acolhida se faz na história, no mundo. Por isso, torna-se cada vez mais séria para a Igreja a problemática de sua relação com o mundo.

Talvez não erremos ao pensar que o ponto de ruptura entre os tradicionalistas e a Tradição retomada pelo Vaticano II esteja mais na Gaudium et Spes que na Lumen Gentium. É o Concílio Vaticano II é, sob certo sentido, mais tradicional que o Concílio de Trento. Pois Trento teve um acento polêmico em relação à Reforma, afunilando a Tradição para a finalidade apologético-pastoral de refutar os reformadores. Tarefa que terá salvo a Igreja de maior esfacelamento, mas que lhe custou o preço do empobrecimento da Tradição, sobretudo no seu confronto com o mundo moderno que emergia.

O Vaticano II retoma uma longa Tradição — interrompida, mas não quebrada — de buscar ler na realidade os sinais dos tempos. Paulo nos primórdios do Cristianismo percebeu o questionante sinal da conversão dos pagãos e perguntou pela Tradição de Jesus diante das tradições judaicas. E o Concílio de Jerusalém inicia esse longo processo de Concílios, que, em nome da Tradição, terminam por abolir tradições. Ora, o Vaticano II em nível de Igreja universal e Medellín em nosso Continente retomam essa Tradição provocando o corte com tradições, ainda que sagradas e beneméritas durante séculos, mas que já não respondiam aos novos sinais dos tempos.

A grandeza de um Concílio se mede por sua capacidade evocativa na consciência dos fiéis. Se ele é convocado e realizado pela força do Espírito Santo, também sua recepção é obra do Espírito. Por isso, claudica a distinção que setores conservadores se empenham em repisar entre o fato do Concílio e o tempo pós-conciliar: O primeiro presidido pelo Espírito e o outro entregue aos abusos. Não há fidelidade ao Concílio sem fidelidade a sua recepção que se faz na história que lhe segue. Em ambos os momentos se revela a presença do Espírito. E nem vale dizer que um pós-Concílio se desviou das intenções dos papas que o conduziram, porque não são eles os donos nem do Concílio, nem do Espírito que conduz a Igreja. Todo Concílio ultrapassa as intenções de seus participantes e desencadeia uma dynamis que vai muito além de nossa previsibilidade. E o seu valor consiste precisamente nessa dynamis e no discernimento que ela permite a Igreja fazer para arrancar os galhos secos e adubar as plantas novas.

Medellín percebeu que plantas novas nasciam na Igreja do Continente sob a forma de comunidades eclesiais de base, de uma teologia preocupada com os grandes desafios lançados à fé por uma situação de opressão e por movimentos de libertação, de uma vida religiosa inserida no coração do povo, de uma Igreja cada vez mais preocupada e ocupada com os pobres em clara opção por eles, de conferências episcopais nacionais e continental mais unidas e seriamente comprometidas com os problemas mais graves de seu povo. Medellín se insere nesse imenso rio da Tradição, precisamente pela sua novidade, pela sua ousadia. Sensível aos apelos de João XXIII para perceber os sinais dos tempos, deixou-se questionar pelos eventos históricos, pela situação do submundo dos pobres e voltou-se então para a fonte inspiradora de sua fé a fim de encontrar novas formas eclesiais.

O integrismo lefebvriano, pelo contrário, refugou os questionamentos do mundo moderno e curvou-se envelhecido para o passado, agarrando-se aos troncos secos de tradições peremptas. Mas como parece mais firme apegar-se a um tronco, ainda que seco, do que aguardar a novidade verde da planta que desponta, muitos preferem arrimar-se no passado tridentino a esperar na primavera do Vaticano II e de Medellín.

Está em jogo a missão inelutável da Igreja de ser sempre pastoral. Nada é tão fiel à tradição e ao dogma, como ser pastoral e atual para a evangelização. Ser pastoral, por sua vez, significa conjugar dois elementos fundamentais para a autoconsciência da Igreja. Olhar para dentro do presente dos homens, para o lugar da luta da vida, para o acontecer cáldo da história, e acreditar que Deus está aí nesta trama bem presente e interpelante, à espera das respostas novas da Igreja. Sempre de novo a bipolaridade, a dualidade e não o dualismo, entre graça e nature-

za, entre história e revelação, entre libertações humanas e cristãs, entre Igreja e mundo, entre fé e política, entre ação e mística, entre presente humano e escatologia. O integrismo não consegue pensar tal articulação. Medellín e seu teólogo representativo, Gutiérrez, se assinalaram em pensar em termos de teologia e de pastoral uma síntese concreta para a Igreja do Continente. Quando se fala da Igreja da libertação, quer-se dizer precisamente o incessante defrontar-se com essa tensão radical do existir cristão e do crescer das comunidades eclesiais.

Não deixa de ser paradoxal que o integrismo lefebvriano ao rejeitar com todas as suas veras a modernidade para trancar-se no universo da hermenêutica especular do literalismo e da submissão servil ao rigorismo das normas e tradições, apela, nesse momento de espasmo, para o dogma mais sagrado da modernidade, que é a ousadia fichtiana de um Eu sozinho a enfrentar-se contra praticamente toda uma Igreja. É talvez por causa desse momento extrema, dramática e paradoxalmente moderno, que esse homem, por todos os lados, representante do pensamento pré- e anti-moderno, termina por comover tantas pessoas no interior e fora da Igreja.

É momento de tirar lições. O caminhar da Igreja não pode deixar-se intimidar pelos desafios do mundo da pós-modernidade ou do sub-mundo da pobreza, nem paralisar-se pelo medo. Pois toda vez que na sua trajetória a Igreja considerou o tempo e a história como diabólicos, foi movida antes pelo medo do que pelo "temor de Deus". Sempre lhe persegue um maniqueísmo simplificador, latente. E nesses instantes é-lhe pedida a coragem profética de confiar no Espírito que a guia, e na presença do Senhor. Pois a Igreja é "o tabernáculo da presença do Senhor, o edifício do qual Ele é o arquiteto e chave de abóbada, é o templo onde Ele ensina, o barco do qual Ele é o piloto, a arca de largos flancos da qual Ele é o mastro, o paraíso no qual Ele é a árvore e fonte da vida, o astro, do qual Ele é a luz que ilumina toda noite" (H. de Lubac, *Méditation sur L'Église*, Paris 1953, pp. 161/2).

Um olhar para a história dos Concílios pode dar-nos mais clareza sobre o momento eclesial. De fato, os Concílios que marcaram realmente a face da Igreja, de modo que ela já não podia mais entender-se sem referência a eles, como o caso de Calcedônia e Trento, entre outros, foram seguidos de tempos de turbulência na sua fase de recepção, por causa sobretudo das antinomias neles latentes. A recepção foi-se fazendo lentamente, mais pela assimilação dos fiéis do que pela imposição ou pelas reticências das autoridades. Este embate do novo e antigo é normal. Assim, depois de um Concílio que deslocou de modo claro e acentuado o fiel da balança, que se inclinava violentamente para a centralização, para a verticalidade, para a presença clerical, para a vigilância dog-

mática, para a inibição das experiências novas, na direção diametralmente oposta, não se devem estranhar as perturbações presentes. Todos os que se sentiram perdidos e lesados no primeiro movimento desencadeado pelo Concílio, sobretudo aqueles que estão assentados em cargos administrativos em todas as esferas, forçarão, nas melhores das intenções, o braço da balança para sua prístina posição.

Por isso também cabe ser lúcido para não deixar-se levar por tal movimento, cujos efeitos negativos nos ficaram bem conhecidos, sobretudo pela enorme decalagem entre Igreja e mundo. Se de novo tal tendência se impuser, corremos o risco de encontrarmo-nos numa fortaleza bem defendida, com todos os seteiros assentados para frente, mas situada num deserto de inimigos. Pois os homens já nem estão mais no nosso campo de batalha. E como se caracteriza o "choque do futuro" precisamente pela aceleração de todos os fenômenos, o ficar parado numa posição significa um rápido e perigoso distanciamento.

Vivemos os tempos da hermenêutica do sentido e da práxis. Os sentidos se deterioram rapidamente, de modo que se impõe constante trabalho semântico de recuperação do sentido da revelação para o homem de hoje. Por sua vez também as práticas permitem e exigem novas inteligências para que a verdade do real sempre apareça. Do contrário em pouco tempo seremos como o palhaço da fábula de Kierkegaard que esbravejava diante de ouvintes estupefactos e conclamava-os a que viessem apagar o incêndio que lavrara no circo. Na total incompreensão ficaram os interlocutores até que o incêndio os devorou a todos. Com nossas vestes hilariantes de discursos e práticas ininteligíveis para um mundo todo imerso na modernidade ou obscurecido por situação de terríveis injustiças sociais, seremos esse palhaço perdido, consolado somente pela presença de outros tantos.

O fenômeno Lefebvre e a Conferência de Medellín estão aí como duas balizas para nossa caminhada eclesial. O primeiro nos admoesta para o perigo de um imobilismo que pode dar-nos segurança para um curto período, mas que nos afastará cada vez mais dos homens desse mundo, aos quais a Igreja é enviada e para os quais se deve fazer sempre servir, sacramento de salvação. A segunda vem-nos provocar a "retomar a leitura escatológica da história, superando a miopia dos profetas da infelicidade" (G. Alberigo, *La Réception de Vatican II*, Paris 1985).

E de modo também dramático, fala-nos um homem que conheceu o sofrimento no momento em que quis ser esse estímulo vivo na Igreja para um diálogo aberto com o mundo moderno, e que sempre conseguiu unir a fidelidade à Tradição e a abertura aos desafios: "Infeliz daquele que na Igreja se empenha em extinguir o Espírito! Mas infeliz igualmente aquele que pretende liberar sua chama, rejeitando a Igreja!" (H. de Lubac, o.c., p. 161).